

Roberto Bolaño

Noturno Chileno

Tradução de Rui Lagartinho e Sofia Castro Rodrigues

 QUETZAL série américas | Roberto Bolaño

Tire a peruca.
– CHESTERTON



AGORA ESTOU A MORRER, mas ainda tenho muitas coisas para dizer. Estava em paz comigo mesmo. Mudo e em paz. Mas, sem que nada estivesse previsto, as coisas surgiram. Aquele jovem envelhecido é o culpado. Eu estava em paz. Agora não estou em paz. Há que esclarecer alguns pontos. Por isso, vou apoiar-me num cotovelo e erguer a cabeça, a minha nobre cabeça trémula, e procurarei, num recanto das minhas recordações, os atos que me justificam e que por isso negam as infâmias que o jovem envelhecido espalhou em meu descrédito numa única noite relampejante. O meu pretendido descrédito. Há que ser responsável. Foi o que eu disse toda a minha vida. Temos a obrigação moral de ser responsáveis pelos nossos atos e também pelas nossas palavras e até pelos nossos silêncios, sim, pelos silêncios, porque também os silêncios ascendem ao céu e são ouvidos por Deus, e só Deus os compreende e julga, pelo que muito cuidado com os silêncios. Eu sou responsável por tudo. Os meus silêncios são imaculados. Que fique claro. Mas, acima de tudo, que fique claro perante Deus. O resto é prescindível. Deus não. Não sei do que estou a falar. Por vezes, surpreendo-me a mim próprio apoiado num cotovelo.

Divago e sonho e tento estar em paz comigo mesmo. Mas, às vezes, até do meu próprio nome me esqueço. Chamo-me Sebastián Urrutia Lacroix. Sou chileno. Os meus antepassados do lado paterno eram originários das Vascongadas ou do País Basco ou de Euskadi, como hoje se diz. Do lado da mãe, provenho das doces terras de França, de uma aldeia cujo nome em espanhol significa «Homem em terra» ou «Homem a pé», o meu francês, nesta hora tardia, já não é tão bom como antes.

Mas ainda tenho forças para recordar e para responder aos agravos desse jovem envelhecido que, de repente, chegou à porta da minha casa e, sem qualquer provocação prévia e sem vir a propósito, me insultou. Isto que fique claro. Eu não procuro o confronto, nunca o procurei, eu procuro a paz, a responsabilidade pelos atos, pelas palavras e pelos silêncios. Sou um homem razoável. Sempre fui um homem razoável. Aos treze anos, senti o chamamento de Deus e quis entrar para o seminário. O meu pai opôs-se. Não com demasiada determinação, mas opôs-se. Ainda recordo a sua sombra deslizando pelas divisões da nossa casa, como se se tratasse da sombra de uma doninha ou de uma enguia. E recordo, não sei como, mas a verdade é que recordo, o meu sorriso na escuridão, o sorriso da criança que fui. E recordo um tapete onde estava representada uma cena de caça. E um prato de metal onde era representada uma ceia com todos os ornamentos próprios da ocasião. E o meu sorriso e os meus tremores. E, um ano depois, aos catorze, entrei num seminário, e quando saí, muito tempo depois, a minha mãe beijou-me a mão e disse-me padre ou julguei ouvi-la chamar-me padre e, perante o meu assombro e os meus protestos (não me chame padre, mãe, eu sou seu filho, disse-lhe, ou talvez não lhe

tenha dito seu filho mas o filho), ela começou a chorar e então eu pensei, ou talvez só o pense agora, que a vida é uma sucessão de equívocos que nos conduzem à verdade final, a única verdade. E pouco antes ou pouco depois, isto é, dias antes de ser ordenado sacerdote ou dias depois de tomar os santos votos, conheci Farewell, o famoso Farewell, não recordo com exatidão onde, provavelmente em sua casa, fui a sua casa, embora também possa ter ido em peregrinação ao seu gabinete no jornal ou também possa tê-lo visto pela primeira vez no clube de que era membro, uma tarde melancólica como tantas tardes de abril em Santiago, embora no meu espírito cantassem os pássaros e florissessem os botões, como diz o clássico, e lá estava Farewell, alto, um metro e oitenta, embora a mim me parecessem dois metros, vestido com um fato cinzento de bom tecido inglês, sapatos feitos à mão, gravata de seda, camisa branca tão impoluta como a minha própria esperança, botões de punho de ouro, e um alfinete onde vi uns símbolos que não quis interpretar mas cujo significado não me escapou de modo algum, e Farewell fez-me sentar a seu lado, muito perto dele, ou talvez me tenha levado para a sua biblioteca ou para a biblioteca do clube e, enquanto observávamos as lombadas dos livros, começou a pigarrear, e é possível que enquanto pigarreava me olhasse de soslaio, embora não possa garanti-lo porque eu não tirava os olhos dos livros, e então disse-me algo que não entendi ou que a minha memória já esqueceu, e depois voltámos a sentar-nos, ele num cadeirão, eu numa cadeira, e falámos dos livros cujas lombadas acabáramos de ver e acariciar, os meus dedos frescos de jovem recém-saído do seminário, os dedos de Farewell gordos e algo deformados como seria de esperar num senhor tão idoso, e falámos dos livros e dos autores desses livros, e a voz de

Farewell era como a voz de uma grande ave de rapina que sobrevoa rios e montanhas e vales e desfiladeiros, sempre com a expressão certa, a frase que se cingia como uma luva ao seu pensamento, e quando eu lhe disse, com a ingenuidade de um passarinho, que queria ser crítico literário, que desejava seguir o caminho aberto por ele, que nada havia na Terra que mais viesse ao encontro dos meus desejos do que ler e exprimir em voz alta, em boa prosa, o resultado das minhas leituras, ah, quando lhe disse isto, Farewell sorriu e pôs-me a mão no ombro (uma mão que pesava tanto ou mais do que se estivesse envolta numa luva de ferro) e procurou os meus olhos e disse que o caminho não era fácil. Neste país de bárbaros, disse, esse caminho não é de rosas. Neste país de latifundiários, disse, a literatura é uma raridade e saber ler não é digno de mérito. E como eu, por timidez, nada lhe respondesse, perguntou-me, aproximando o rosto do meu, se alguma coisa me incomodara ou ofendera. Não serão você e o seu pai latifundiários? Não, disse. Pois eu sou, disse Farewell, tenho uma propriedade perto de Chillán, com uma pequena vinha que não dá mau vinho. Ato contínuo, convidou-me para ir no fim de semana seguinte à sua propriedade, que tinha o nome de um dos livros de Huysmans, já não recordo qual, talvez *À rebours* ou *Là-bas* e talvez fosse até *L'Obscur*, a minha memória já não é o que era, creio que se chamava *Là-bas*, e o seu vinho também se chamava assim e, depois de me convidar, Farewell ficou calado embora os seus olhos azuis permanecessem fixos nos meus, e eu também fiquei calado e não consegui aguentar o olhar perscrutador de Farewell, baixei os olhos humildemente, como um passarinho ferido, e imaginei essa propriedade onde a literatura era um caminho de rosas, e onde saber ler era uma qualidade e onde o gosto

primava acima de todas as necessidades e obrigações práticas, e depois ergui o olhar e os meus olhos de seminarista encontraram os olhos de falcão de Farewell e assenti várias vezes, disse que iria, que era uma honra passar um fim de semana na propriedade do maior crítico literário do Chile. E quando chegou o dia acordado, tudo na minha alma era confusão e incerteza, não sabia que roupa vestir, se a sotaina ou a roupa secular, e se me decidisse pela roupa de civil não sabia qual escolher, e se me decidisse pela sotaina, assaltavam-me dúvidas acerca de como seria recebido. Também não sabia que livros levar para ler no comboio de ida e volta, talvez uma *História de Itália* para a viagem de ida, talvez a *Antologia de Poesia Chilena* de Farewell para a viagem de volta. Ou talvez ao contrário. E também não sabia que escritores (porque Farewell tinha sempre escritores convidados na sua propriedade) ia encontrar em *Là-bas*, talvez o poeta Uribarrena, autor de esplêndidos sonetos de tema religioso, talvez Montoya Eyzaguirre, fino estilista de prosas curtas, talvez Baldomero Lizamendi Errázuriz, historiador consagrado e incontestado. Todos eram amigos de Farewell. Mas, na realidade, Farewell tinha tantos amigos e inimigos que era inútil fazer conjeturas a esse respeito. Quando o dia combinado chegou, parti da estação com a alma compungida e ao mesmo tempo disposto a aceitar qualquer vicissitude que Deus achasse por bem infligir-me. Como se fosse hoje (melhor do que se fosse hoje), recordo o campo chileno e as vacas chilenas com as suas malhas negras (ou brancas, depende) pastando ao longo da via-férrea. Por momentos, o matraquear do comboio conseguia adormecer-me. Fechava os olhos. Fechava-os como agora os fecho. Mas, de súbito, voltava a abri-los e lá estava a paisagem, variada, rica, por instantes arrebatadora

e por instantes melancólica. Quando o comboio chegou a Chillán, apanhei um táxi que me deixou numa aldeia chamada Querquén. Num sítio que parecia ser a praça principal (não me atrevo a chamar-lhe Praça de Armas) de Querquén, vazia de gente. Paguei ao taxista, saí com a minha maleta, vi o panorama que me rodeava e, quando já me voltava novamente com a intenção de perguntar qualquer coisa ao taxista ou de voltar a entrar no táxi e empreender o regresso apressado a Chillán e depois a Santiago, o carro afastou-se subitamente, como se aquela solidão, que tinha algo de agoirento, tivesse despertado no motorista medos atávicos. Por instantes, também eu tive medo. Triste figura devo ter feito, parado naquela angústia, com a minha maleta do seminário e com a *Antologia* de Farewell apertada na mão. Por trás de um arvoredado voaram alguns pássaros. Pareciam gritar o nome dessa aldeia perdida, Querquén, mas também pareciam dizer *quem, quem, quem*. Cauteloso, rezei uma oração e dirigi-me a um banco de madeira, para compor uma figura mais conforme com o que eu era ou com o que eu naquele tempo julgava ser. Virgem Maria, não desampares este teu servo, murmurei, enquanto os pássaros negros de uns vinte e cinco centímetros de altura diziam *quem, quem, quem*, Virgem de Lourdes, não desampares este teu pobre clérigo, murmurei, enquanto outros pássaros, castanhos, ou mais exatamente acastanhados, com o peito branco, de uns quinze centímetros de altura, gritavam mais baixinho *quem, quem, quem*, Virgem das Dores, Virgem da Lucidez, Virgem da Poesia, não deixes ao relento este teu servidor, murmurei, enquanto uns pássaros minúsculos, magenta e preto e fúcsia e amarelo e azul ululavam *quem, quem, quem*, ao mesmo tempo que um vento frio se levantava imprevisivelmente gelando-me até aos ossos. Então, ao fundo

da rua de terra batida, vi uma espécie de caleche ou de cabriolé ou de carroça puxada por dois cavalos, um baio e outro malhado, que vinha para o sítio onde eu estava e que se recortava contra o horizonte como uma imagem que não posso senão referir como demolidora, como se aquela carripa viesse buscar alguém para o levar para o inferno. Quando estava a poucos metros de mim, o condutor, um camponês que apesar do frio vestia apenas uma camisa e uma jaqueta sem mangas, perguntou-me se eu era o senhor Urrutia Lacroix. Não só pronunciou mal o meu segundo apelido como também o primeiro. Disse que sim, que eu era a pessoa que ele procurava. Então, o camponês desceu sem dizer uma palavra, pôs a minha maleta na parte de trás da carruagem e convidou-me a sentar ao seu lado. Desconfiado e tolhido pelo vento gélido que descia das faldas da cordilheira, perguntei-lhe se vinha da propriedade do senhor Farewell. Não venho daí, disse o camponês. Não vem de *Là-bas*, perguntei eu, enquanto os meus dentes batiam. Venho de lá, é verdade, mas esse senhor não conheço, respondeu aquela alma de Deus. Percebi então o que deveria ter sido óbvio. Farewell era o pseudónimo do nosso crítico. Tentei lembrar-me do seu nome. Sabia que o seu primeiro apelido era González, mas não me lembrava do segundo e, por instantes, debati-me entre dizer que era um convidado do senhor González, assim, sem mais explicações, ou calar-me. Optei pelo silêncio. Encostei-me ao assento e fechei os olhos. O camponês perguntou-me se me sentia mal. Ouvi a sua voz, não mais do que um sussurro que o vento levou logo a seguir e, precisamente nesse momento, consegui recordar o segundo apelido de Farewell: Lamarca. Sou um convidado do senhor González Lamarca, exalei num suspiro de alívio. O senhor está à sua espera, disse o camponês.